

de Rubem Braga

GENTE DA CIDADE



Alvaro Moreyra,
poeta

Para que contar o homem, se ele mesmo se conta nesse livro de lembranças "As amargas, não..." que saiu há pouco e é o livro mais encantador, mais saboroso de 1954? Vamos amontoar umas frases tiradas aqui e ali:

"Se eu quisesse confessar do que fui construído, teria que dizer: de alguns poetas de Portugal e de alguns Jesuítas de todo o mundo. Carrego o internato comigo. Esqueci o berço. Não esqueci o colo. Saudade de ser embalado. Insônia é isso. Quando roncava trovoada, minha avó Maria Angélica se levantava e fazia o sinal da cruz: — São os Farrapos galopando no céu. Pôrto Alegre... Foi daquele pôrto que eu parti... Mais triste... que ter saudade é não ter do que ter saudade. Escultura: Era um cabo de vassoura. Mas eu lhe chamava cavalo. Seu Casimiro não falava: bufava! E cada vez que bufava, meu avô dizia: — Você bufava, hein, Casimiro! Na casa onde nasci não vivi, e não hei de morrer nela porque hoje é um hotel, e espero da graça do meu destino que me não obrigue a morrer num quarto de hotel. Fico a lembrar a minha infância. E minha mãe volta, môça, tão bonita, e me leva para o oratório. Quem me ensinou a ler foi uma môça de óculos, dona Amália ou dona Amélia, de Freitas ou de Sousa. Foi há tanto tempo! De taça na mão, diante de meu avô, Camelo Lampreia, ministro de Portugal no Brasil, disse: — Senhor Manuel Pinto da Fonseca, tenho a honra de saudar o mais antigo representante da nossa pátria na bela capital do Rio Grande do Sul! E em nome de Sua Majestade, El-Rei Dom Carlos, é com orgulho que lhe ofereço o título de barão! — E meu avô, incontinente: — Quanto é que me custa isso? — Estupor. Silêncio. Constrangimento. No meio de tudo, o homenageado concluiu: — O Rei o que quer é o dinheiro. Diga quanto é, que eu dou. Quanto ao título, que o ensope com batatas. Minha mãe saiu da sala em prantos. Deus te castiga! — é uma ameaça que se escuta desde pequeno, e é mentira. A verdade é que Deus perdoa. Se Deus não perdoasse, — meu Deus! O nome era vagamente comprido: Alvaro Maria da Soledade Pinto da Fonseca Velinho Rodrigues Moreira da Silva. Reduzi a Alvaro Moreyra, com um y encarregado de representar as supressões. Isso perante o público. Na intimidade fiquei sendo o Alvinho... O meu registro de batismo não muda de opinião: declara sempre que nasci no dia 23 de novembro de 1888. A primeira paixão que tive foi Santa Cecília. Ela nunca soube. Orador da turma, o poeta do Colégio, ator aplaudidíssimo nos espetáculos das festas do Reitor. Fui do colégio dos Padres, em São Leopoldo, para o jornal, em Pôrto Alegre. Diretamente da fábrica para o consumidor. Do "Petit Journal" passei para o "Jornal da Manhã" que Alcides Maya fundara, com Carlos Peixoto na gerência, Fábio Barros, José Picorelli, Homero Prates, Felipe d'Oliveira entre os redatores. Pedro Velho na revisão. Sim, em 1903, ou 4, fiz um soneto. Falava em anjos e tinha coração, ilusão, viver, sofrer, mais dez rimas, irresistíveis assim. Dona Andradina de Oliveira, d'"O Ecrínio" — "órgão da mulher riograndense" — achou uma beleza e imprimiu o soneto. O primeiro livro que publiquei, com o título de "Degenerada", levou uma decompostura de Osório Duque Estrada. Felipe d'Oliveira e eu chegamos ao Rio, nos começos de 1910. Felipe trazia um fraque. Eu trazia uma carta para Mário Pedrneiras. Em 1913 scaciei uns desejos românticos: ir à Europa, ver Bruges, morar em Paris... A minha educação sentimental partiu tôda do século 19, daquele fim de século 19, com naturalismo, parnasianismo, simbolismo, e ainda romântico. Deixei o "Fon-Fon" por causa da "Seleta". Foi depois do aparecimento dessa revista na mesma empresa, pelo aumento do meu trabalho sem resultado para mim, e pelo aumento do capital dos patrões com resultado para eles.

R. B.



A BRISA TERRAL

Andei pensando em proceder a um congelamento sentimental. Joaquina me atormenta, e eu não posso mais guardá-la, nem quero perdê-la. Solução: "freezer". Congelar também os amigos, congelar a promissória, congelar a literatura e o tráfego, a voz da cantora e o vento do mar. O vento do mar é insensato: entra-me pela casa, onde estou pôsto em sossêgo e me fala de viagens e aventuras, me conta o mito da virgem nua do Báltico e repete no meu ouvido o murmúrio de uma sereia que está lânguida de amor numa pequena ilha grega me esperando. Feito o que, sai pela outra janela, e vai levando a fumaça de meu cigarro e a paz de minh'alma.

Mas fico imóvel; a noite cai, vem o vento da terra, me diz que em alguma curva de algum rio obscuro, no fundo do país, há um galho de ingá pendurado sôbre o remanso; há um mugido de bois, um ranger de porteira, um pio triste de sericóia. Sonho com mulheres fazendo esteiras. Não vejo suas faces; são escuras, vejo apenas seus cabelos negros e lisos; elas falam baixo, e de suas vozes me chega apenas um murmúrio. Mais longe há homens consertando rêdes; outro está tirando água de uma cacimba.

Toca o telefone. Estou novamente no apar-

tamento número tal, na rua número tal, a tantas horas de tal dia. Estou outra vez prisioneiro no tempo e no espaço; preciso pôr a gravata e o paletó e sair. Tomar providências. Há outras pessoas que preferem tomar cocaina, maconha... Mas acontece que eu sou um elemento útil à sociedade, como dizem os delegados de policia quando querem fazer um pouco de literatura.

Faço-me eficiente: envio flôres às 10 senhoras mais elegantes do Brasil, e telegramas a todos os cavalheiros que foram nomeados alguma coisa ou publicaram livros. Nomeações justíssimas, livros esplêndidos "que têm me proporcionado horas de mais fino deleite espiritual". Estou distintíssimo. Mas quando o garçon me pergunta o que desejo beber, eu minto. Acabo tomando um uísque, mas eu queria era aquela caneca azul com duas florinhas vermelhas para apanhar na grande talha escura um pouco de água da cacimba. E não é preciso congelar nada, nem refrigerar, nem trubenizar, nem recauchutar, mercerizar, pasteurizar, organogramizar, nem reestruturar nada. Há uma pequena brisa com cheiro de mato. Há grilos. E a vida é uma coisa natural.

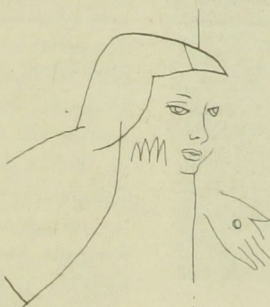
que eu descobri a minha vocação de pobre. Em 1916 o Conselho Municipal de Porto Alegre me convidou para ir receber Olavo Bilac. Em 1917 fui ser redator da "Bahia Ilustrada" de Anatólio Vuladares. Ele aranjava os anúncios e dirigia o texto: Faça uma nota bem carinhosa sobre Góis Calmon. Diga que é uma figura impar. José Pimenta de Melo Filho foi meu patrão de 1918 a 1931. Aluguei-lhe a minha mocidade. Quando, por causa da revolução da Aliança Liberal, ele me mandou embora, com J. Carlos, disse que era meu amigo. Pobre José! Quando via uma coisa certa, fechava a cara, resmungava: — Não está direito! — J. Carlos e eu nunca o enganamos. Despediu-nos por isso. No Brasil a velhice chega muito depressa. Não será por causa da água mineral? 1927 — 10 de novembro — Estréia do Teatro de Brinquedo, na Sala Renascença do Cassino Beira-Mar, Passeio Público. A peça de estréia foi "Adão, Eva e outros membros da família". Com Eugênia e comigo trabalharam Luís Peixoto, Marques Pôrto, Atilio Milano, Machado Florence, Alvarus, Frederico Barreto, Fernando Guerra Duval, Renê de Castro, Joracy Camargo, Vasco Leitão da Cunha, Sérgio da Rocha Miranda, Brutus Pedreira, Flávio de Andrade, Aida Procopio Ferreira, Briolanja Sottomayor, Tinon de Mello. 1939 — Prêso há onze dias com outros "elementos perigosos ao regime". Tenho um filho que é do Botafogo, tenho outro filho que é do Fluminense, ainda tenho outro filho que é do Flamengo. — Como é que um pai assim pode saber a verdade? 16, junho, 1948 — Eugênia morreu. Nossa vida durou trinta e quatro anos. Foi uma vida grande. Eugênia. Inteligência sempre em trabalho, incansável sinceridade, força, decisão, desprezo dos desenganos, nenhum preconceito, nenhuma injustiça. Nunca se preocupou com as opiniões que a contrariavam, fazia o que tinha que fazer, e fazia certo. Amava com paixão, viver. A sua ausência enche a casa toda. Sabia acarinhar, e sabia lutar. 1951 — Eu não tinha intimidade comigo. Por falta de tempo. Havia muita gente se mexendo perto. Agora, sem ninguém, me aproximei de mim. Acabei com as cerimônias. Contei tudo. Sei tudo. Na solidão os segredos se somem. Como sou meu amigo! Quase todos os meus livros foram-se embora num leilão. Em toda minha vida, do que mais gostei, foi de querer bem... A lembrança de minha velha casa. O nome dela era o número que tinha na rua Xavier da Silveira: o 99. Por ali passou muita gente. A porta estava sempre aberta".

(Você se lembra, Álvaro Moreyra, que depois do almoço a gente ia para "Petrópolis", que era aquela passagem entre a casa e o muro, onde fazia menos calor?)

A POESIA É NECESSÁRIA

O INFIEL

Tradução de
Guilherme de Almeida



E se ele voltar um dia
Que devo eu dizer?
— Dize-lhe só que o esperaram
Até, até morrer...

Se perguntar onde estas,
Que hei de responder?
— Dá-lhe a minha aliança de ouro
Sem lhe responder...

Se indagar porque é que a sala
Está tão deserta?
— Mostra a lâmpada apagada
E essa porta aberta...

Se me interrogar então
Sobre o desenlace?
— Dize que sorri com medo
De que ele chorasse.

SOIRÉE

IBRAHIM SUED



O sr. e sra. Aloisio Clarck Ribeiro em recente noite de gala.



A senhorita Maria Lúcia Mauriti e o sr. Poly Lerena. Falam em casamento.



A senhorita Lígia Continho e o sr. Antônio Alberto Tôrres. Namôro firme.

● **EM UMA NOITE FRIA**, aconteceu, no Golden-Room do Copa, o desfile de célebres costureiros franceses, com manequins também franceses. Na sala, mulheres bem vestidas, mulheres mal vestidas, homens elegantes e homens que se julgam elegantes. Enquanto a sra. Roberto Singer usou as jóias mais bonitas da noite, a sra. Naná Winans exibiu o vestido mais bonito. Por coincidência, na mesma mesa, o sr. Francisco Eduardo de Paula Machado e a bonita sra. Nicole Hime. Como sempre, um dos grupos mais elegantes da noite participava da mesa do sr. e sra. Octavio Guinle. Do desfile, um terço honrou as tradições da alta costura francesa. O resto parecia resto mesmo...

● **ESPERANDO** decididamente a visita da cegonha, as sras. Guy Neves da Rocha e Arthur Bernardes Alves de Sousa. Na temporada, da Hípica, um dos cavaleiros mais compenetrados foi o sr. Osvaldo Vidigal, de São Paulo, que agora está residindo no Rio. Parece que não acontecerá casamento com a senhorita Lúcia Neves da Fontoura... A sra. Lúcia Andrade Ramos está se preparando para casar.

● **O EMBAIXADOR DA ITÁLIA** e sra. de Fornari receberam para um elegante jantar nos salões da Embaixada. A simpática embaixatriz vai visitar a sua terra natal, onde permanecerá durante quatro meses em férias. Simpática e movimentada a recepção que o embaixador da Alemanha e srs. Oellers ofereceram em honra do Ministro Walter Hausteim, que nos visitou recentemente.

● **DIZEM QUE** determinada figura separou-se de conhecido banqueiro para casar-se com um rico fazendeiro de São Paulo. E já que falô nesse assunto, está em desarmônia determinado casal carioca. Parece que ela vai embora para a Argentina...

● **NOTÍCIAS RÁPIDAS:** A sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto festejou intimamente seu aniversário. A sra. Sara Kubistchek patrocinou um desfile no Copacabana em benefício do Hospital de Clínicas. Dia 19, um grupo de figuras da sociedade carioca estará em Curitiba para assistir à inauguração do novo Palácio do Governo. O sr. e sra. Munhoz da Rocha convidam. Eu também vou comparecer. Estêve no Rio o sr. e sra. Fúlvio Morganti. A sra. Morganti sempre simpática e elegante. Parece que o sr. Décio Novais Filho gosta muito das jovens "glamourosas"... Entre elas, poderei citar a senhorita Ilde Garavaglia, "Glamour-Girl" de 1954. A presença do sr. Michael Butler no Rio, conhecido "play-boy" americano, casado com uma das filhas do Presidente da Metro, foi devidamente movimentada e festejada.

● **A SENHORITA REGINA** Sousa Coelho está de partida para Londres, onde vai se casar com o sr. Anthony Marrecó, confirmando mais um "furo" deste colunista. O casamento será no próximo dia 9. Muita gente ficou surpreendida com essa notícia! O Professor San Thiago Dantas homenageou com um almoço o sr. Ed Miller, que está visitando o Rio. A senhorita Maria Luisa de Andrade (Dadá) está decididamente "in love"...

● **INTERNACIONAIS:** Bárbara Hutton está escrevendo as suas memórias. O capítulo de seu ex-marido, Porfirio Rubirosa, já está concluído. Fernanda Montel, que todo mundo conheceu no Rio, e alguns principalmente, está fazendo sensação em New York, com senhores que já passaram dos cinquenta anos... Já saiu o livro de Elza Maxwell, com curiosos e escandalosos "potins" do "café-society" internacional. E hoje é só. Contra a Petrobrás e outras coisas.